

GEONIMIA E CARTOGRAFIA: DA PESQUISA HISTÓRICA AO GEOPROCESSAMENTO

Paulo Márcio Leal de Menezes

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro
pmenezes@acd.ufrj.br

Cláudio João Barreto dos Santos

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
DGC - Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais
claudiojoao@ibge.gov.br

RESUMO

Os nomes geográficos singularizam lugares, identificando-os e claramente mostra que são os testemunhos históricos do povoamento, descobrimento, conhecimento, presença, permanência entre outros, sobre e do espaço geográfico. Através deles é marcada a passagem de gerações, raças, povos e grupos lingüísticos, na sucessão da ocupação de um território. Existe uma dinâmica clara na denominação dos lugares através das injunções políticas, econômicas, ou outras quaisquer, fazendo-os evoluir, transformar ou corromper-se, tornando-os capazes de revelar tendências sociais, religiosas, políticas, entre outras. Este trabalho se propõe a mostrar os principais conceitos teóricos sobre nomes geográficos, bem como sua importância para a pesquisa histórica-geográfica-cartográfica. Também será apresentada como é possível a inserção do Geoprocessamento e Gestão Territorial, trabalhando com uma base de dados abordando o aspecto toponímico.

Palavras-chave: nomes geográficos, aspecto toponímico

GEONIMY AND CARTOGRAPHY: FROM HISTORICAL RESEARCH TO GEOPROCESSING

ABSTRACT

Geographical names make single places, identifying them and clearly displaying that they are historical testimonies of settlements, discovery, knowledge, presence, permanence among other, on and of one geographical place. Through them, the

passage of generations, races, people and linguistic groups is marked, in succession of a territory occupation. A very clear dynamics exists about the denomination of places, through political, economical, or any other one injunction, making them developing, transforming or corrupting, turning them capable to reveal social, religious, and politics tendencies, among others. This paper aims to show the principal theoretical concepts on geographical names, as well as your importance for the historical-geographical-cartographic research. It will also be presented as it is possible the insert of Geoprocessing and Territorial Administration, working under a toponimical database approaching.

Key-words: Geographical names, toponimical database

INTRODUÇÃO

Nomes geográficos são aqueles que nomeiam ou identificam um determinado espaço geográfico. Um lugar que possua um nome que o identifique, certamente garante tanto a sua existência, como também o conhecimento de sua posição e localização no espaço.

A ação de nominar ou nomear um lugar é essencialmente humana, estabelecendo inicialmente, uma relação cultural, diretamente ligada à ocupação, posse e conhecimento do local ou área nomeada (FURTADO, 1957).

O estudo dos nomes geográficos já foi, no Brasil, bastante desenvolvido, por volta do fim do século XIX e meados do século XX (1930 a 1970). Hoje em dia, porém, exceto por estudos desenvolvidos em algumas áreas lingüísticas, está voltando a ser objeto de estudo, devido às inúmeras relações que podem ser estabelecidas.

Pode-se facilmente, no estudo dos nomes geográficos, encontrar fortes relacionamentos diretos com a História, Geografia, Cartografia, Lingüística, Antropologia, Economia, Gestão Territorial, entre outras.

Indubitavelmente os nomes geográficos são indispensáveis para diversos níveis da comunicação humana, seja no aspecto político, seja no aspecto cultural. Em alguns casos a própria pronúncia ou sotaque do nome, pode ter uma importância fundamental para a identificação do local de onde é oriunda. Como o carioca pronuncia a palavra arroz? A resposta pode ser simples: "arroiz", caracterizando um sotaque característico do local.

A forma de escrever, como escrever, ou seja, a sua grafia, pode alterar substancialmente o seu significado. Uma vez que computacionalmente qualquer alteração por mínima que seja, pode gerar um nome diferente em uma base de dados, justifica que haja uma padronização, seja na grafia dos nomes existentes, como também em uma orientação para a criação de novos nomes geográficos, notadamente na esfera executiva, através de nomes administrativos.

Por outro lado a análise evolutiva de uma área, de uma feição geográfica ou de um lugar, mostrará também aspectos culturais, locais, políticos e outros, que podem recair sobre o lugar.

Dessa forma, a necessidade do desenvolvimento de uma base de dados georreferenciada, permitirá que se mostre a evolução espaço-temporal de uma área, levando-se em conta o aspecto e a observação dos nomes geográficos a ela associados, desde suas características no aspecto lingüístico, alterações de grafia, de nomes, permitindo que se estabeleçam ligações e articulações diversas sobre o espaço-tempo.

Este trabalho se propõe a mostrar alguns conceitos sobre nomes geográficos, bem como sua importância para a pesquisa histórica-geográfica-cartográfica. Também será apresentada como é possível a inserção do Geoprocessamento e Gestão Territorial, trabalhando com uma base de dados abordando o aspecto toponímico.

NOMES GEOGRÁFICOS, TOPÔNIMOS E GEÔNIMOS

O estudo dos nomes geográficos faz parte da Onomatologia, também denominada Onomástica, parte da Glotologia que estuda os nomes próprios em geral. Toponímia, vocábulo formado pelos radicais, topo e onyma, significam estudo dos nomes de países, sítios, povoações, nações, assim como rios, lagos, mares, montes, montanhas, entre outros, ou seja os nomes de lugares ou nomes geográficos .

A Antroponímia estuda os nomes próprios individuais. Assim, Toponímia e Antroponímia estão contidas no sistema onomástico.

A toponímia pode ser considerada como um termo semanticamente rico, e sua definição podem variar dependendo do aspecto que venha a ser abordado.

Rostaing (1948) define a Toponímia como a ciência que se propõe a estudar a origem e transformações dos nomes de lugares. Furtado (1957) a apresenta como o estudo dos nomes de lugares, caracterizando, portanto os nomes geográficos.

Os topônimos podem então ser conceituados dentro de um contexto espacial, ou seja, nomina um lugar, uma feição, seja ela natural ou artificial.

O topônimo compõe-se de uma parte genérica e outra específica. Exemplos: Rio Amazonas, Rio Paraná, Serra Geral, Serra do Mar, Lagoa dos Patos, Lagoa Mirim, etc., nos quais rio, serra e lagoa, por exemplo, constituem o gênero geográfico, ao qual corresponde o termo geográfico. Amazonas, Paraná, Geral, do Mar, dos Patos e Mirim, partes específicas, que definem precisamente a espécie do lugar ou acidente nomeado. Uma parte, o gênero, determina o elemento geográfico e a outra, a espécie, o qualifica unicamente.

A Cartografia considera impositivamente, esses dois elementos, porquanto a parte genérica de um topônimo indica a que tipo de acidente se refere este nome, se a um curso d'água ou se a uma forma orográfica, por exemplo, enquanto a específica particulariza, identifica e qualifica com precisão o acidente, ao mesmo tempo em que, no aspecto geral, exprime um atributo característico do lugar.

Assim pode-se verificar que topônimos e nomes geográficos são claramente sinônimos. Por outro lado em uma abordagem histórica, mostra que os nomes geográficos são testemunhas da ocupação antrópica de um espaço geográfico. Fica inteiramente registrada, a passagem temporal de gerações, de culturas, povos e mesmo grupos lingüísticos, indicando claramente a ocupação e mesmo o domínio de uma área.

O termo Geonímia foi definido por Houaiss (1999) quando do lançamento do ATLAS MIRADOR. Praticamente todos os Atlas, em seus glossários geográficos, apresentam a relação dos nomes geográficos através de um código, definido por letras e números, que identificam páginas e quadrângulo das coordenadas geográficas que identificam a posição do nome, como pode ser visualizado na figura 1.

Houaiss (1999) verificou que o código poderia ser substituído pelas coordenadas geográficas, identificando diretamente o quadrângulo de inclusão do topônimo. Nesse contexto, apenas estende-se o conceito de topônimos e topomínia, entendendo-se a geonímia como os nomes próprios de lugares e acidentes geográficos.

Pode ser verificado que o conceito expandiu-se possibilitando a associação de coordenadas geográficas aos nomes geográficos.

Figura 1 – Identificação de um lugar



Sob este conceito, os nomes geográficos, considerados como informação geográfica que são ou um exemplo de geoinformação, terá sempre uma ampla e irrestrita possibilidade de ter coordenadas geográficas associadas, em qualquer nível de escala de observação, levando-se, portanto, para a representação cartográfica, a conseqüente associação ao sistema de coordenadas da representação.

Geonímio é definido por Menezes e Santos (2006) como: nomes geográficos identificadores de quaisquer feições geográficas naturais ou antrópicas, recorrentes sobre a superfície da Terra e, portanto, passíveis de serem georreferenciadas.

TAXIONOMIA DOS TOPÔNIMOS

O estudo lingüístico da Toponímia permite classificar, segundo o conteúdo léxico-semântico, em diversas taxionomias toponímicas (DICK. 1992), de natureza física e de natureza antropoculturais.

O estudo das vertentes taxionômicas permite estabelecer conclusões sobre a ocupação antrópica, definindo tendências das diversas denominações, aspectos culturais, antropológicos, épocas políticas etc. A determinação da época ou o aspecto temporal da atribuição do nome é um dos aspectos de maior importância no estudo topo-geonímico.

Definindo-se como área de estudo o Estado do Rio de Janeiro, todas as considerações daqui a diante, levarão em consideração os nomes geográficos, topônimos e geônimos que façam parte desta área.

TAXIONOMIA DE NATUREZA FÍSICA

A taxionomia de natureza física, agrega os topônimos nomeados por associação a fenômenos de causas ou efeitos físicos ou naturais, como por exemplo grande, pequeno, comprido, nomes de plantas, fundo, curva, cores, formiga, etc.

Dick (1999) classifica os topônimos de natureza física em: Astro, Cardino, Cromo, Dimensio, Fito, Geomorfo, Hidro, Lito, Meteoro, Morfo e Zoo topônimos.

Alguns exemplos podem ser vistos na tabela 1.

Tabela 1 - Taxionomia de Natureza Física

Taxionomia	Significado	Exemplos	Obs
Astrotopônimos:	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	Estrela, Serra da Estrela,	
Cardinotopônimos:	topônimos relativos às posições geográficas em geral	Passa Três,	
Cromotopônimos:	topônimos relativos à escala cromática	Ponta Negra, Serra Vermelha,	
Dimensiotopônimos:	topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade	Ilha Grande, Ilha Rasa	
Fitotopônimos:	topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade	Coqueiral, Laranjeiras,	
Geomorfotopônimos:	topônimos relativos às formas topográficas: elevações de terrenos	Serra do Morro,	
Hidrotopônimos:	topônimos resultantes de acidentes hidrológicos em geral.	Serra do Mar, Rio Turvo	
Litotopônimos:	topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo, representados por indivíduos	Itaorna	
Meteorotopônimos:	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	Terra Fria, Cabo Frio,	
Morfotopônimos:	topônimos que refletem o sentido de forma geométrica	Volta Redonda, Ilha Redonda, Ilha Comprida	
Zootopônimos:	topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos ou não	Serra das Araras, Quatis, Toca da Onça	

É evidente que estes nomes foram dados devido às características existentes na época do local, na época de sua designação.

Por exemplo, Cova da Onça, em Maricá, foi dado devido as onças que habitavam o lugar. Cala a Boca, também jurisdição de Marica, teve este nome devido a um bandido chamado Cunha Marujo, que berrava “Cala Boca, desgraçado, se não morre”.

Por sua vez os tropeiros e viajantes eram aconselhados a “Cala a boca e não faça ruído, pois os bandidos podem ouvi-lo”.

Pão de Açúcar, pela semelhança com o produto obtido no processamento de cana de açúcar, Jardim “Maria Vista”, entre outros.

Apesar de hoje em dia muitas das qualidades ou características relativas aos nomes não mais existirem ou fazerem parte do local atual, na época era com certeza algo bastante marcante.

TAXIONOMIA DE NATUREZA ANTRO-CULTURAL

Os nomes geográficos de natureza antro-cultural podem apresentar as tendências de domínio, poder, políticas, homenagens religiosas e políticas entre outros.

Podem perfeitamente através do estudo da época de denominação estabelecer períodos de influências diversas, políticas, culturais e outras.

A classificação de DICK (1999) apresenta as seguintes taxionomias: animo antro, axio, coro, crono, dirrema, eco, ergo, etno, hiero, hagio, mito, história, hodo, número, polio, sócio e somato topônimos.

A Tabela 2 apresenta exemplos desta taxionomia para o Estado do Rio de Janeiro.

Tabela 2 – Exemplos da taxonomia para o Estado do Rio de Janeiro

Taxionomia	Significado	Exemplos	Obs
Animotopônimos:	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física	Serra das Almas, Dores do Macabu	
Antropotopônimos:	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais:	Rio Candinho, Praia do Abraão	
Axiotopônimos:	topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	Comendador Levy Gasparian,	
Corotopônimos:	topônimos relativos aos nomes de cidades, regiões, estados, países, continentes.	América, Rio da Aldeia	
Cronotopônimos:	topônimos que encerram indicadores cronológicos representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha	Nova Friburgo, Córrego Velho	
Dirrematotopônimos:	topônimos constituídos por frases ou enunciados lingüísticos.	Serra do Deus Me Livre	
Ecotopônimos:	topônimos relativos às habitações de um modo geral	Serra da Carioca	
Ergotopônimos:	topônimos relativos aos elementos da cultura material	Rio do Esmeril	
Etnotopônimos:	topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)	Campos dos Goytacazes	
Hierotopônimos:	topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc; às efemérides religiosas; às associações religiosas; aos locais de culto	Rio Canaã,	
Hagiotopônimos:	topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano	São João do Meriti, São Fidelis	

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO GEONÍMICO

Nomes geográficos são os testemunhos históricos do povoamento, descobrimento, conhecimento, presença, permanência entre outros, sobre e do espaço geográfico. Através deles é marcada a passagem de gerações, raças, povos e grupos lingüísticos, na sucessão da ocupação de um território. Desta forma ficam as passagens assinaladas pelo conhecimento humano e a expansão do espaço terrestre conhecido e habitado.

O espaço geográfico fica individualizado e humanizado, ficando, portanto, diferenciado de qualquer local.

Segundo Furtado (1957), os nomes geográficos vêm a constituir a linguagem geográfica essencial, como se fosse atribuída ao local a sua própria alma, caracterizada por um grupo de palavras, que por sua vez também possuem um significado, acepção ou sentido, expressando muito, tanto do terreno nomeado, quanto do povoamento que foi estabelecido no local.

Através desta abordagem pode-se facilmente caracterizar a sua importância tanto para a Cartografia como para a Geografia.

Identificar o vocábulo indicativo do nome geográfico, restaurando o seu termo, significado e correta expressão, associando o aspecto histórico-temporal, bem como, as coordenadas geográficas, irão caracterizar a evolução não só do geônimo, mas também uma riqueza sem par relacionado ao espaço geográfico e demais características associadas sobre este mesmo espaço geográfico.

Assim, como é associado a um estudo lingüístico de um vocábulo, o nome geográfico pode refletir a estrutura vertical ou dialetológica ou ainda a geologia lingüística (histórica), bem como a estrutura horizontal ou geográfica do idioma (FURTADO, 1957).

Os nomes geográficos retratam as nuances da história, da vida de um povo, da mentalidade da época e do próprio povo, bem como as suas características fisionômicas. A ligação espaço-tempo é indissociável e ao mesmo tempo implícita em cada um deles, por serem marcantes e determinantes, as suas influências históricas, sociológicas, econômicas, antropológicas e geográficas (FURTADO, 1957).

Os fósseis lingüísticos caracterizam e refletem línguas, dialetos e estratos lingüísticos das línguas faladas pelos povos que antecederam, com influência nas que serão sucedidas, em um determinado lugar. Pode ser verificado que os topônimos, que são ou serão fósseis lingüísticos, cientificamente estudados e traduzidos, podem revelar detalhes importantíssimos sobre aspectos histórico-culturais e mesmo geográficos do local.

No estado do Rio de Janeiro existe uma grande quantidade de nomes que são oriundos do Tupi: Niterói (mar morto ou escondido), Carioca, Jacarépagua, Jacuecanga, Parati, Pedra do Açú (Pedra Grande). Se os engenheiros que projetaram as Usinas de Angra dos Reis, soubessem que o significado da palavra Itaorna é terra podre, talvez tivessem escolhido outro local para a sua construção (BOLEO, 1956).

Um outro estrato lingüístico também bastante presente no Brasil, e no Estado do Rio de Janeiro, em uma escala um pouco menor, devido a intensa colonização portuguesa, deve-se aos vocábulos de origem africana.

De uma maneira geral, pode-se, sem sombra de dúvida, afirmar que não há Geografia sem nomes geográficos. Há algum tempo atrás, a sustentação da ciência Geográfica era definida através da Geografia Descritiva. Em termos de Cartografia não existe a figura de um mapa ou uma carta muda que não possua nomes geográficos. Sem esses componentes o mapa passa a representar um mero cartograma ou um desenho puramente esquemático.

A diacronia dos nomes geográficos, associados agora como geônimos, permite estabelecer o estudo espaço-temporal (histórico-geográfico), tendo no mapa (visão cartográfica), uma das suas principais fontes de informação.

Observe-se que uma vez, em qualquer pesquisa histórica, ao surgir um nome, existe a necessidade primeira de localizá-lo no espaço, caracterizando então a interface História, Geografia e Cartografia.

NOMES GEOGRÁFICOS ESTRANGEIROS

O trabalho com Atlas, cartas e mapas regionais e globais, implica conseqüentemente, na necessidade de se lidar com nomes geográficos estrangeiros.

Para o país, o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), prevê este conhecimento. Por outro lado, existem no Brasil, nomes de origem estrangeira, notadamente espanhola, alemã, suíça, holandesa, inglesa, etc, em decorrência das épocas das correntes imigratórias.

A estrutura atual, de intensa globalização, faz também necessário o conhecimento de nomes geográficos referentes às línguas com alfabetos inteiramente diferentes e com diferentes estruturas lingüísticas.

Os nomes oriundos de países com alfabetos cirílico, árabe ou oriental, tipicamente simbólico, ou mesmo os que não possuem alfabeto próprio, sendo apenas transmitidos oralmente, é colocado um questionamento de como ficaria a grafia e a pronúncia do nome em português. Para esses nomes no Brasil, todos sem exceção foram totalmente aportuguesados. No Estado do Rio de Janeiro um exemplo pode ser dado pela cidade de Nova Friburgo. Dick (1999) classifica este nome, como um nome transplantado, imigrado por colonizadores suíços quando vieram para o Brasil e se instalaram na serra, tendo como nome origem, a cidade de Fribourg.

Por outro lado a grafia tanto dos nomes estrangeiros, dos países, como o nome das cidades e feições geográficas, não são padronizados. Diga-se de passagem, que não o são também os nomes nacionais, por não existir uma autoridade nacional reguladora, para os nomes geográficos.

O próprio Ministério das Relações Exteriores apresenta problemas com a grafia dos nomes de alguns países, havendo uma proposta de normatização desenvolvida por Coutinho (2003). No entanto é grande a diversidade de escritas que podem ser encontradas, todas com justificativas plausíveis, como por exemplo, para a cidade de Singapura e Cingapura. Diversos autores consideram Cingapura como a grafia correta, porém a Academia Brasileira de Letras e o Ministério das Relações Exteriores, consideram a grafia correta como Singapura. Se em relação aos nomes de cidades apresentam-se esses problemas, o que dizer dos nomes de feições geográficas diversas, tais como rios, planaltos, planícies, montes, montanhas, entre outros?

O massacre de MY LAI, ocorrido na guerra do Viet Nam, foi causado devido à existência de seis diferentes MY LAI no país e a sua errada identificação. O que dizer do Mar do Japão ou da Coreia? Beiging ou Pequim? Nova York, Nova Iorque ou New York? San Francisco ou São Francisco; São Diego ou San Diego? São Cristóvão e Nevis ou St. Kitts e Nevis?

Em relação à ONU, o UNGEGN, UN Group of Experts on Geographical Names, foi criado em 1967, para debater e discutir programas para a padronização de nomes geográficos.

Existem 14 divisões mundiais lingüísticas, sendo que um país pode pertencer a mais de uma divisão. O Brasil pertence à América do Sul, mas aproxima-se também da África junto com Angola e Moçambique, para criar a divisão de países de língua portuguesa.

Por endônimos são denominados os nomes geográficos que ocorrem na área onde a feição está localizada. Por exemplo, London, Wien, München. O exônimo é a designação ou tradução do nome geográfico para uma determinada língua ou país. Londres, Viena, Munique, Rússia, Sérvia e Ucrânia são alguns dos países que utilizam o cirílico; Egito, Arábia, Jordânia, Irã e Iraque são alguns que usam o árabe; O hebreu é utilizado por Israel e o romano pela grande maioria das demais línguas.

Os três grandes grupos de escrita são as alfabéticas, as silábicas e as logográficas.

As alfabéticas empregam letras individuais, como sinais estendidos ou não, formando palavras. Incluídos nessa classificação estão os alfabetos árabe, cirílico, hebreu, romano e thai.

A escrita silábica consiste de conjunto de caracteres que representam o símbolo de uma sílaba. Como exemplo: amharico, da Etiópia, hatana e higanas japoneses.

A escrita logográfica usa conjuntos ou combinações de símbolos para representar uma palavra. O chinês, mandarim e o kenji japonês podem ser exemplos deste sistema.

TRADUZIR OU TRANSLITERAR?

São bastante atuais as discussões sobre a representação de nomes geográficos, principalmente em relação aos países asiáticos e africanos, árabes e do extremo oriente.

Para tanto há necessidade de se entender o correto significado dos termos: tradução, romanização, transliteração e transcrição, as quais são muitas vezes utilizadas de forma errada.

Uma afirmação, por exemplo, de uma palavra que seja tradução de outra em cirílico, possui alguns erros inclusos. As três premissas básicas que a ONU orienta que sejam seguidas, são:

- Manter os exônimos que já são tradicionais para cada país;
- Evitar a criação de novos exônimos e
- Utilizar o mais possível endônimos, utilizado a grafia transliterada e apropriada para o nome geográfico.

O Brasil não adotou a radicalização de Portugal, que praticamente apor-
tuguesou a grande maioria dos nomes geográficos, surgindo palavras só adotadas lá,
tais como: Estugarda, para Stuttgart, Munchão para Munique, entre outras (COUTIN-
HO, 2003).

Uma língua ou linguagem mostra como ela é falada, enquanto o sistema
de escrita apresenta a sua forma de escrita e de representar a língua falada. A língua
escrita em russo utiliza o alfabeto cirílico, enquanto o português e a maioria das línguas
de origem européia utilizam o alfabeto romano.

Afirmar que KIEV é a tradução de **КИЇВ** na linguagem cirílica, aponta
para os seguintes erros (RANDALL, 2001):

- Kiev não é tradução, mas a forma em inglês conversacional de **КИЇВ**.
- Cirílico não é uma língua, mas um sistema de escrita (com diferentes formas);
- Como fica em português? Assumimos a forma inglesa escrita, mas não pronunciada, Quiéve e não Quiive.

A tradução é a expressão de uma tradução na acepção da palavra, assu-
mindo e o nome traduzido como forma padrão da expressão do nome geográfico. A
tradução de Buenos Ayres seria Bons Ares! Schwarzwald é traduzido por Floresta Ne-
gra, que já é um tradicional exônimo na língua portuguesa, por tradução.

A transliteração é o procedimento de converter as letras dos vários alfabetos
escritos não romanos, para as letras de um alfabeto romano.

Dessa forma pode-se escrever corretamente que:

A capital da Ucrânia, é conhecida em português por Kiev, forma convencio-
nal vindo do inglês. A forma falada em ucraniano cirílico é **КИЇВ**.

O nome romanizado para o inglês de acordo com o sistema BGN/ PGGN,
da ONU, o resultado é KYIV, o que em português corresponderia a palavra QUIIVE.

Outro exemplo pode ser aplicado à capital do Egito. A transliteração fornece
o nome AL QĀHIRAH, cuja pronúncia correta em português seria AL CĀRRIRA, no en-
tanto, a forma convencional em português é expressa pela palavra Cairo.

Como observação, um dos grandes problemas enfrentados pelos países
que fazem parte da força de ocupação do Afeganistão e do Iraque é exatamente a
definição e conhecimento dos nomes das localidades.

UM SISTEMA DE NOMES GEOGRÁFICOS

Em primeiro lugar, para que se possa trabalhar com nomes geográficos em um sistema de informações geográfica, aplica-se o conceito de geônimo em toda a sua plenitude. Algumas premissas básicas devem porém ser estabelecidas:

- O sistema deve possuir múltiplas entradas: espacial, temporal e lingüística;
- Deve permitir o acesso ao espaço, ao tempo, à forma do nome e seus atributos;
- A entrada temporal leva à época considerada e as características espaciais da época e ao geônimo da época;
- A entrada lingüística leva ao aspecto temporal e ao espaço da época.

A configuração de um sistema deste tipo é complexa e está previsto o seu desenvolvimento pelo Laboratório de Cartografia da UFRJ.

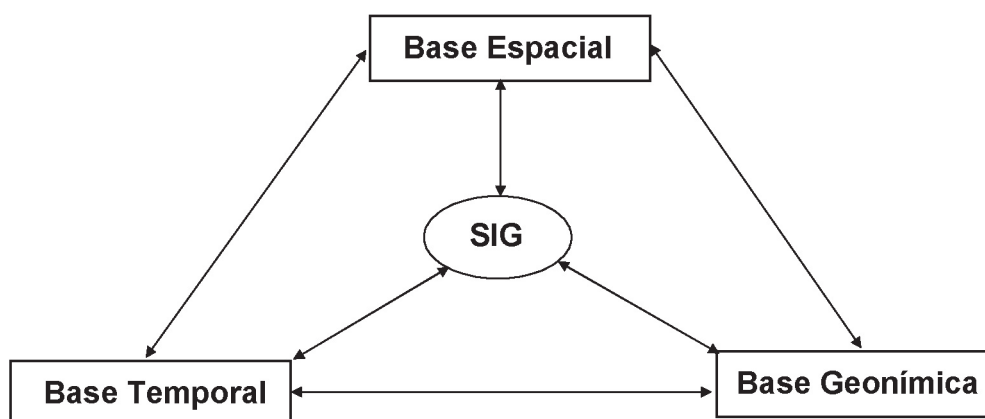
Será apresentado aqui o arcabouço do sistema, uma vez no momento estão sendo avaliados como implementar as possíveis estruturas de acesso e manipulação dos dados e informações.

A integração espaço-temporal deve ser total, interligando três bases de dados:

- Espacial – traduzida pelos mapas
- Temporal - traduzida pelo tempo e época de cada geônimo
- Geonímica – traduzida pelos nomes geográficos

A figura 2 mostra esquematicamente a estrutura do sistema de acesso.

Figura 2 – Estrutura do sistema de acesso



BASE ESPACIAL

A base espacial tem as seguintes características:

- Fornecer os diversos recortes espaço – temporais da área de estudo

Para o Estado do Rio de Janeiro, a pesquisa sobre a involução cartográfica foi essencial para o fornecimento das bases da área. Estão determinadas 69 bases cartográficas, estruturadas da seguinte forma:

- Projeção cartográfica equiretangular cilíndrica;
- Escala compatível: 1:50000;
- Apresentação de 47 recortes temporais, acrescidos de 22 recortes espaciais, devido as alterações de nomes das áreas administrativas;
- Preparação de base hidrográfica;
- Preparação de base orográfica;
- Preparação de bases viárias.

BASE GONÍMICA

Consiste na compilação dos geônimos e associação com a estrutura espacial e temporal. As informações básicas são as seguintes:

- Nome atual
- Nomes prévios, datas de utilização;
- Tipo de informação:

Cidade

Vila

Área

Hidrografia

Orografia

Rede viária

- Coordenadas: latitude e longitude

BASE TEMPORAL

A base temporal é estabelecida, para que possa servir também de entrada ao sistema. Dessa forma toda a informação que for agregada ao banco, terá uma data associada, que constará na base temporal.

COLETA, PREPARAÇÃO E VALIDAÇÃO DA GEONÍMIA

Praticamente toda a geonímia coletada será agregada a partir de sua coleta em documentos cartográficos.

A existência confirmada em um mapa é o suficiente para que seja considerada válida.

Informação oriunda de documentos não cartográficos será classificada como provável, até que seja validado através de comprovação em documentos cartográficos ou outros meios que possam confirmar a sua existência no local.

Hoje, a base de povoamento está em preparação, pois ao nível de detalhamento que está sendo programado, não são aceitas apenas as sedes e distritos. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, terá uma base de dados exclusiva.

As bases hidrográfica, orográfica e viária estão com os estudos iniciados.

A base temporal está estabelecida para o material disponível, mas estará sempre em atualização.

CONCLUSÕES

Procurou-se mostrar a necessidade do estudo dos topônimos, caracterizados agora como geônimos, como uma pesquisa não mais isolada por cada ciência.

A integração das diversas ciências, tais como Cartografia, História, Geografia, Linguística, Antropologia e outras, formam uma estrutura multi-interdisciplinar, imprescindível para a realização do estudo de uma área sobre o tempo.

Conclusões que podem ser tiradas, tanto ao nível de percepção, como ao nível de visualização, como a criação de mapas das diferentes épocas, voltadas para uma visão evolutiva são incontáveis.

Por outro lado, a utilização de tecnologias modernas, tais como GPS para determinação do posicionamento e SIG, expandem as possibilidades, pela capacidade de aglutinar e gerar novas informações.

REFERÊNCIAS

- BOLEO, M. P. Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas coletivas, seu interesse lingüístico, histórico e psicológico. Separata de BIBLOS V. XXXI, Coimbra Editora Limitada, Coimbra, 1956
- CORRÊA, R.L.; ROSENDHAL Z.. Introdução a Geografia Cultural. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendhal (organizadores) Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003
- DICK, M. V. P. A. A Motivação Toponímica. Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos Tese (Doutorado em Lingüística) Universidade de São Paulo. 1980
- DICK, M. V. P. A. A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira. 1ª. ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Arquivo do Estado. 1990. 100 p.
- FURTADO, S. S. Curso de Formação de Topógrafos, Rio de Janeiro, 1957
- HOUAISS, Antonio. Notas do prefácio-estudo de Antonio Houaiss ao livro Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (Autor Antonio Geraldo da Cunha). Melhoramentos. São Paulo. Editora UNB. Brasília, 1999.
- MENEZES, P.M.L. e SANTOS, C.J.B. Geonímia do Brasil, Pesquisa, Reflexões e Aspectos Relevantes. Revista Brasileira de Cartografia, Rio de Janeiro, v.58, n.2, agosto, 2006.
- OLIVEIRA, C. As origens psicossociais dos topônimos brasileiros. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, v. 29, n. 215, mar./abr.,1970.
- OLIVEIRA, C. Curso de cartografia moderna. IBGE. Rio de Janeiro. 1970.
- RANDALL, R. R. Place Names, The Scarecrow Press Inc, Lanham, USA, 2001
- ROSTAIN, Charles: Lês Noms de Lieux. 2ª ed. Vendôme, Presses Universitaires de France, (Coleção Que Sais-Je, nº176) 135p. Paris. 1948
- SOUZA, B. J. Dicionário da Terra e da Gente do Brasil. 4 Ed. São Paulo Companhia Editora Nacional (Brasileira V.1 64), 1902, 433pg.